Geandré – O Desenho de Humor, da Infância ao Jornal Ovelha Negra[1]

Osvaldo da Silva COSTA[2]
Prof. Dr. Roberto Elísio dos SANTOS[3]
Universidade Municipal de São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, SP
Universidade Santa Cecília, Santos, SP

RESUMO
O desenho de humor na trajetória do paulista Arlindo Rodrigues, profissionalmente conhecido como Geandré. A sólida carreira de Geandré como cartunista inicia-se no suplemento infantil *A Tribuninha*, na cidade de Santos, em 1963. Nos anos 1970, Geandré inovou a imprensa alternativa editando o jornal *Ovelha Negra*, um jornal de cartuns. Esta pesquisa contou com levantamento documental em revistas e jornais, entrevistas com o artista para identificar o humor gráfico na linguagem de comunicação e a análise de conteúdo. O objetivo deste trabalho é apresentar a trajetória profissional deste artista brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Humor Gráfico; Cartum; Imprensa Altenativa; Jornal *Ovelha Negra.*

INTRODUÇÃO

O paulista Arlindo Rodrigues, profissionalmente conhecido como Geandré, nasceu na cidade de Santos em 1951. No 2º ano do Grupo Escolar Auxiliadora da Instrução, onde cursou o primário, seus desenhos foram notados e elogiados pelas professoras Silvia e Dulce. Elas apresentavam seus desenhos nas outras salas de aula, para outros alunos verem como eram seus traços, e Geandré (Figura 1) relata: "Na época, era um aluno que tirava notas máximas em história, português, geografia. Em desenho geométrico, me limitava à nota dois".[4] A referência para a sua formação de desenhista era o chargista Dino[5]: ele "foi uma

[1] Trabalho apresentado no GP de Produção Editorial do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Manaus (AM), de 4 a 7 de setembro de 2013.

[2] Mestre em Comunicação pelo Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), professor da Universidade Santa Cecília (Unisanta).

[3] Orientador do trabalho. Pós-doutor em Comunicação Social pela ECA/USP, Professor do Programa de Mestrado em Comunicação e dos cursos de graduação na Escola de Comunicação da USCS.

[4] Depoimento de Geandré cedido por e-mail: em 7/7/2011.

[5] Accindino Souza Andrade: trabalhou como chargista e caricaturista no jornal *A Tribuna* durante 55 anos. Nasceu em Santos, São Paulo, em 1920; e faleceu em 1996.

forte influência para vários artistas da região da Baixada Santista e quiçá para outros desenhistas brasileiros" (BARBOSA, 2005, p. 16).

A TRIBUNINHA

Wolfgang Amadeus Mozart

OUTRA ESPERANÇA: ARLINDO RODRIGUES

Figura 1 – Geandré e Hamleto (tio Leto).
Fonte: *A TRIBUNINHA* (1966).

A trajetória de Geandré na área do humor gráfico teve início em um suplemento no formato tabloide da cidade de Santos. Dirigido para o segmento infantil, *A Tribuninha* era encartada no jornal *A Tribuna*. Teve como redator e idealizador Hamleto Rosato, que editava o caderno com a participação dos leitores infantis**.** No começo da década de 1970, Geandré resolveu conhecer o mercado europeu. Trabalhou na Espanha (Barcelona) e na Suíça (Zurique) e foi premiado no Salão de Humor de Berlim.

No retorno ao Brasil, publicou charges e cartuns no polêmico e controverso jornal *Última Hora,* de Samuel Wainer. O alternativo de maior sucesso em oposição à imprensa conservadora, que "representou uma revolução na imprensa brasileira" (MARTINS; LUCA, 2008, p. 235), fechado em seguida do golpe militar de 1964. Wainer tentou reerguê-lo em São Paulo na volta do exílio, em 1974, sem o sucesso anterior.

A maior contribuição de Geandré para a publicação alternativa foi o jornal *Ovelha Negra*, lançado na cidade de São Paulo, abrindo espaço para os cartunistas manifestarem, através do desenho de humor, a sua insatisfação contra um regime que caminhava para o fim. Segundo Chinem:

> nos anos 70 circularam no Brasil inúmeros jornais de tamanho tabloide — a metade do usado nos jornais convencionais — com um traço comum entre eles: a coragem. Vivíamos, é verdade, um período difícil, comandado a ferro e a fogo por militares, que durou exatos 21 anos, tempo para alguém completar a maioridade (CHINEM,1995, p 7).

Uma sociedade livre era o que se pretendia, e a imprensa foi um "instrumento fundamental da ampliação e vitalização da abertura política" (COUTO, 1999, p. 167). Nesse sentido, o cartum cumpria seu papel provocando o riso libertário e a mudança de sentidos.

A Tribuninha

A sólida carreira de Geandré como cartunista, jornalista, escritor, ilustrador e pintor inicia-se no suplemento infantil do jornal *A Tribuna*, na cidade de Santos, em 1963. O periódico infantil, como descreve Geandré, "era até um continuísmo da própria escola, serviu-me como um laboratório toda a semana".[6] É também considerado pelo cartunista como a gênese e a origem de sua profissão. Assinava, abreviado, o seu nome de nascimento como nesse desenho impresso (Figura 2), A. Rodrigues (Arlindo Rodrigues). Aos 12 anos de idade, junto com seus desenhos, foi levado pela sua mãe, Aparecida Benedita Rodrigues, do bairro do Macuco, onde nasceu, ao centro de Santos, onde se localizava o jornal, para conhecer a redação.

Figura 2 – Ratinho Gil – Nó Górdio / 1967.
Fonte: *A TRIBUNINHA* (1967).

Figura 3 – Nossa visita ao Senai / 1963.
Fonte: *A TRIBUNINHA* (1963).

Na ilustração acima a comemoração do 7º aniversário da *A Tribuninha*[7], Ratinho Gil, criação de Geandré, confraterniza com vários personagens que transitam e ganham vida nas páginas do tabloide; na assinatura, o desenho da vela na letra "i" é do parabéns à você. De propriedade do jornal *A Tribuna*, foi onde Geandré viu seu primeiro trabalho impresso num tabloide (Figura 3).

Geandré descreve com traços lineares de contorno, espaços e fisionomias, estudantes em atividade no curso do Senai. No primeiro plano numa bancada, a orientação de um

[6] Geandré: idem

[7] *A Tribuninha* tem seu primeiro número impresso em 24/8/1960. Após 38 anos de existência, encerrou sua publicação em 1998.

professor e técnico de mecânica, rodeado por alunos uniformizados em companhia de uma professora de óculos. No plano de fundo, professor orientando outra turma, explica como soldar uma peça num suposto chassi de um automotor. A representação gráfica linear é puro simbolismo convencional e, por isso mesmo, é "imediatamente intelígivel a uma criança, que teria difilculdade em destrinchar uma pintura naturalista" (GOMBRICH, 1986, p. 296), é clara e simples a descrição do ambiente e seus interlocutores.

Geandré conhecia poucas revistas de quadrinhos. Os desenhos que admirava eram os impressos nos três jornais, *O Diário de Santos, Diário da Noite e A Tribuna*. Apresentado à redação como futuro Dino, escreve o redator que "a *Tribuninha* continua revelando valores (…) novos artistas vão surgindo. É o caso de Arlindo Rodrigues, que tem sido constante nas suas colaborações" (*A TRIBUNINHA*, 1966). Geandré fica conhecendo seu ídolo pessoalmente, o cartunista Dino. Ratinho Gil (Figura 4), criação do Geandré, é um personagem com características e estilização do comportamento da contracultura, era visualmente um *beatnik*.

Figura 4 – Ratinho Gil e Cenourinha / 1967.
Fonte: *A TRIBUNINHA* (1967).

Seus desenhos incorporam uma nova linguagem e vocabulário gráfico, a narrativa curta no formato de quadrinhos, segundo Gombrich, "há várias maneiras de escrever histórias: uma em capítulos, linhas e palavras, e a isso chamamos 'literatura'; ou, alternativamente, por uma sucessão de ilustrações, e a isso chamamos 'história ilustrada'." (1986, p. 294), o modo de contar histórias e a temática atrelada ao humor "é uma das principais características do gênero tira cômica" (RAMOS, 2009, p. 24), com histórias e personagens fictícios.

O antropomórfico Ratinho Gil possui traço linear, com sua cabeleira e calça boca de sino, em sintonia com a moda dos anos 1960. Ele transita nas páginas do tabloide ilustrando textos e vinhetas, tem um amigo e interlocutor o coelho Cenourinha.

No primeiro quadro o diálogo entre os dois amigos, representado com auxílio de balões ou balão-fala, se encontram e um parque de diversões nessa tira cômica, gênero do humor gráfico. Ramos justifica:

> se o interesse da pesquisa for, por exemplo, os desenhos de vários salões de humor existentes no país, é interessante enquadrar a análise na linha do humor gráfico. Caso o foco do estudo esteja no teor jornalístico das produções, a melhor opção metodológica é observá-las dentro do viés jornalítico (RAMOS, 2009, p. 21).

Nessa divisão de cenas, que são três, o dia e a noite são resumidos nos dois últimos quadros. A moldura dos quadros faz um recorte do tempo, "a linha demarcatória está intimamente ligada ao tempo da narrativa" (RAMOS, 2009, p. 101), é ausente e cabe ao leitor preencher e dar continuidade às peripécias inesperadas do roedor *beatnik*.

O cartunista Dino era o primeiro artista do humor gráfico que conhecera, e com essa aproximação visitava o cartunista, que "foi o primeiro chargista a fazer a caricatura de Pelé em 1957 no jornal *A Tribuna*" (BARBOSA, 2005, p. 1), na sua agência de propaganda ouvindo conselhos sobre a profissão e o mercado de trabalho.

Outra referência foi o artista plástico e professor, colaborador de *A Tribuninha*, Nivaldo Inforzato, que dava recomendações de materiais de pintura e desenho, como o nanquim, aquarela e os papéis. Foram suas primeiras informações desta profissão de comunicador visual que Geandré teve conhecimento. No próximo desenho (Figura 5), o cartum "consegue sintetizar uma seqüência entre um antes e um depois, elementos mínimos da estrutura narrativa" (RAMOS, 2009, p. 24), a moça à direita no desenho da mulher vestida com minissaia, moda nos anos 1960, é recepcionada pelo amigo com vestuário de caipira que adverte sobre os trajes da festa. O humor de costumes e realizado em poucos traços, "o estilo abreviatório pode sempre contar com o observador para suplementar aquilo que omitiu" (GOMBRICH, 1986, p. 296), é uma marca característica do desenho de cartum evidenciado nesta anedota das festas juninas.

Figura 5 – Arlindo Rodrigues – O Caipira / 1968.
Fonte: *A TRIBUNINHA* (1968)

Grande Imprensa e carreira europeia

Aos 16 anos, Geandré transferiu-se para São Paulo, onde trabalhou nas revistas das editoras Fittipaldi, Penteado e Prelúdio, nos bairros do Brás e da Mooca. Na cidade de São Paulo, publicou seus trabalhos nas revistas de passatempo, modinhas, piadas, anedotas e outros gêneros de publicações humorísticas. Passou, então, a frequentar redações e jornais, começou a publicar seus cartuns e charges políticas, inclusive em *O Pasquim*.

Como profissional do humor gráfico, como Geandré se define, começou a publicar na era de ouro do cartum, dos anos 1960 ao início dos 1980. Nos jornais *O Dia, Diário Popular, Jornal da Tarde*, *Jornal do Brasil, Folha de S. Paulo* e em *O Pasquim*, (Figuras 6 e 7), os cartuns retratam as estações do ano e a meningite, o governo camuflava a epidemia da opinião pública, a "censura agia de forma idêntica em relação ao teatro, à literatura, às letras de músicas populares, às artes plásticas e ao cinema" (COUTO, 1999, p. 169), e no noticiário político nacional.

Figura 6 – Estações / 1968.
Fonte: PASQUIM (1997).

Figura 7 – Boletim / 1968
Fonte: PASQUIM (1997).

Em 1971, transfere-se para o lendário jornal *Ultima Hora*. Publicava suas charges e ilustrava textos de Chico Anísio, Antonio Contente, Plínio Marcos. Nas duas charges das Figuras 8 e 9 os fatos, narrados de forma ficcional, estabelecem "com a notícia uma relação intertextual" (RAMOS, 2009, p. 21). Os problemas sociais, trombadinhas, são resolvidos num estalar de dedos (a favor da violência, como indicam os ossos cruzados atrás da lâmpada) e na questão da divisão econômica, operário e o patrão, o sol traduz a ideia de que ele não brilha para todos, mas só para os ricos.

Figura 8 – Idéia / 1968.
Fonte: ÚLTIMA HORA (1999).

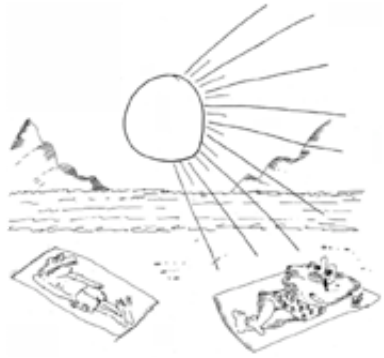

Figura 9 – Praia / 1968.
Fonte: ÚLTIMA HORA (1999).

O artista teve seus desenhos impressos nas revistas *O Cruzeiro, Vogue, IstoÉ, Playboy, Claudia, Nova, MAD, Visão, Status, Senhor, Planeta, Privé* (Figura 10). Esse cartun de dois andares desenhados em linha fina e mudos cria uma narrativa com final inesperado e sem palavras. Na revista *Homem* (Figura 11), duas mulheres nuas passeiam livremente pela calçada. *Malaguetas* é uma tradução da mulher conquistando seu espaço no universo masculino.

Figura 10 – Malaguetas / 1979.
Fonte: Revista Privé (1979).

Figura 11 – Malaguetas / 1979.
Fonte: Revista HomeM (1979).

A sutileza do humor erótico (Figura 12) numa clássica piada de náufrago, a economia do grafismo resulta num desenho limpo e direto ao leitor, na revista *Internacional,* dirigida ao público masculino. Em 1972, foi para Espanha trabalhar na cidade de Madri, onde publicou seus cartuns e recebeu Prêmio Especial do Salão de Berlim (Figura 13) com temática ecológica.

Figura 12 – Náufrago / 1980.
Fonte: REVISTA INTERNACIONAL (1979).

Figura 13 – Folha / 1975.
Fonte: Geandré (1975)

Geandré colaborou nas publicações do continente europeu, a exemplo de *Correo Catalan*, *Jano*, *La Codorniz* (Espanha), *Paris Match* (França), *Schweizer Ilustriére* (Suíça). Foi ainda agenciado pela Tusquet de Barcelona e Copenhagen. Seu trabalho faz parte do Museu Internacional de *Cartoon* de Basel (Suíça). Expôs cartuns nas galerias, em Barcelona, no primeiro atelier de Picasso, *Taller de Picasso*, em São Paulo, na galeria do Carmo batizou a exposição com o título "Chiclete com banana", Curitiba, Paris, Montreal e Tóquio.

Com a experiência adquirida no mercado europeu, retornou ao Brasil em 1975 e lançou um jornal alternativo, o *Ovelha Negra*. Foi o introdutor da linguagem do cartum num programa inédito da nossa televisão, na *TV Cultura* de São Paulo, a "*TV Cartum*". Nessa época, o caderno *Divirta-se*, do jornal *O Estado de São Paulo*, destacava:

> (...) o programa '*Som, Forma e Movimento*', hoje no canal 2, dedica-se ao Cartum. Os relizadores do quadro – diretor de tevê Luiz Antônio Simões, o produtor musical Carlos Castilho e o cartunista Geandré – acreditam que a televisão seja um recurso novo para o cartum" (*O ESTADO*, 1975).

Em 1977, Geandré recebeu o Prêmio Abril de Jornalismo. Após o fechamento do *Ovelha Negra*, Geandré foi convidado para ser editor da revista *Status Humor* (Editora Três). Seu lançamento foi numa edição especial da revista masculina *Status*, durante o Natal de 1979. O artista publicou os livros *Ovelha Negra, Qual é a Graça, Faz me rir, Os Marketing Comics, Almanaque Collorido, O Impeachment, Os Gênios, As Malaguetas, E a vida*

continua (álbum). Autor das tiras *Os Gênios*, editadas pela editora Abril, e outros trabalhos em coautoria com Caetano Veloso *(Leãozinho)*, Ignácio de Loyola Brandão *(O homem que espalhou o deserto)*, Ciro Pellicano *(Era uma vez uma Res)*, Fernando de Moraes (*Chatô* áudio livro). Geandré fundou a agência Prática de Comunicação. Criou e editou a publicação *Licensing*[8], pioneira no licenciamento de marcas e personagens. Também publicou cartuns em *house organs*.

Ovelha Negra

Com seu viés focado no humor gráfico, os desenhos reportam de maneira humorística "a mordaça imposta à imprensa a partir de dezembro de 1968" (GASPARI, 2002, p. 218), os anos da censura e repressão. Uma matéria editada no jornal *A Tribuna*, em 1976, destaca o lançamento do *Ovelha Negra*, que tem como superintendente e patrocinador Telmo Cortes de Carvalho e Silva:

> (...) um jornal basicamente constituído por cartuns foi lançado em São Paulo, há duas semanas, e está alcançando sucesso. É o *Ovelha Negra*, que tem como editor um santista que venceu no setor: Geandré. O jornal é mensal, custa Cr$ 6,00, em Santos, por enquanto, pode ser encontrada apenas na Livraria Marins Fontes (*A TRIBUNA*, 1976).

Geandré concebeu a ideia do jornal *Ovelha Negra* com a intenção de abrir espaço para os cartunistas brasileiros terem uma publicação própria — um jornal de cartuns com o "humor rancor, político e contundente ao regime"[9], como define — influência direta da sua experiência na Espanha, e do semanário *Hermano Lobo* (Madrid), que contava com os melhores cartunistas da Espanha.

A edição ficou a cargo de J.B. de Souza Freitas e Geandré; a arte era de Jean Michel Gauvin, Marina Pontual, Rosa Fonseca e Paulo Boca; a fotografia, de Jair Malavazzi. Os cartunistas e redatores do primeiro número são Angeli, Alcy, Nani, Nicolielo, Miran, Luscar, Reinaldo, Emil, Laerte, Marcon, Canini, Santiago, Guidaci, Solda, Luis Gê, Jota, Luis Fernando Veríssimo, Ronaldo Chinem, Jayme Leão, Fraga, Dirceu, Airton, Sylvio Abreu, JAAB e Chico Caruso. Ainda em *A Tribuna*:

> nosso jornal – diz o cartunista santista – não se preocupa em ser plasticamente bonito. É essencialmente informativo, jornalístico no melhor

[8] *Licensing* foi um jornal dirigido a agências de licenciamento e empresas licenciadas.

[9] Depoimento de Geandré gravado: em 10/7/2011.

> sentido da palavra. Possui também textos curtos, sempre informativos, e reúne nomes jovens, cartunistas de todos os pontos do País (*A TRIBUNA*, 1976).

Com tiragem de 20 mil exemplares, o *Ovelha Negra* (Figura 14) vendia 15 mil entre bancas e assinantes. Teve ao todo oito edições. Em 1976, o *Ovelha Negra,* único jornal de cartum no Brasil, imprimiu em uma de suas edições cem cartunistas, que não eram chamados de colaboradores, mas de voluntários. Geandré afirma que o jornal não apostava numa linha estilística de desenho de humor: se a piada fosse boa, era publicada. "Tem gente nova que procurou e está conseguindo abrir mercado de trabalho. É a consciência da própria classe; o humor, hoje, não é somente uma forma de expor ideias, é também uma profissão" (*A TRIBUNA*, 1976).

Figura 14 – Oito edições do *Ovelha Negra* / 1976-1977).
Fonte: Geandré.

Em 1976, "ano de um terrorismo de direita que procura abalar as frágeis capacidades de resistência das instituições que reivindicam a liberdade de expressão" (BRAGA, 1991, p. 68), o general Ernesto Geisel estava no segundo ano da presidência e fazia um ano do assassinato do jornalista Vladimir Herzog. A chamada imprensa alternativa, constituída principalmente de "semanários como *Opinião, Movimento* e *O Pasquim*, permanece mais tempo censurada e vítima de maiores pressões" (COUTO, 1999, p. 171). A censura e a repressão também chegaram ao jornal e Geandré era constatemente intimado a comparecer à Polícia Federal para dar explicações. O *Ovelha Negra* teve de ser fechado. Diversas entidades, cabendo "menção especial à Igreja Católica, sobretudo por sua ala progressista, liderada principalmente pelo cardeal Paulo Evaristo Arns" (COUTO, 1999, p. 139), assim como a Associação Brasileira de Imprensa, destaca-o como publicação que deu grande oportunidade para a difusão do humor gráfico e, por meio do humor, de posicionar sua convicção e vocação democrática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com 12 anos de idade Geandré inicia sua carreira de cartunista num tablóide infantil. Aos 16 anos, Geandré levou seus rabiscos para outro mercado editorial, a cidade de São Paulo, onde publicou seus cartuns e charges políticas à sombra do regime ditatorial. Os desenhos do Geandré ficam mais mais politízados no seu conteúdo, mantendo o traço puro dos cartuns impressos na *A Tribuninha*. Em 1970, foi trabalhar no continente europeu, tendo publicado no *Correo Catalan*, *Jano*, *La Codorniz* (Espanha), *Paris Match* (França), *Schweizer Ilustriére* (Suíça). O formato tabloide reaparece no alternativo jornal *Ovelha Negra*, na cidade de São Paulo. Geandré, o editor, abre espaço para os cartunistas se manifestarem através do desenho de humor. Inovando na imprensa alternativa o cartum, no *Ovelha Negra*, sob a direção do Geandré, ocupou 70% da superfície impressa desse periódico alternativo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexandre Valença Alves. **Dino,** uma charge para todos os Santos, 2005. Disponível em: http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/3o-encontro-2005-1 Acesso: 09/09/2011.

BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70**: mais pra epa que pra oba. Brasília: Editora Unb, 1991.

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa alternativa:** jornalismo de oposição e inovação. São Paulo: Ática (Série Princípios, 250), 1995.

COUTO, Ronaldo Costa. **História indiscreta da ditadura e da abertura:** Brasil:1964 - 1975. Rio de Janeiro: Record, 1999.

DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. (org.). **Uma breve história do Brasil.** São Paulo: Planeta, 2010.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

GOMBRICH, E.H. **Arte e ilusão:** um estudo da psicologia da representação pictórica. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos.** São Paulo: Contexto, 2009.